

23 PAX 23

Anno V — Nums. 2 e 3

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Paulo Maranhão

Nascimento Fernandes

Virgílio Trindade

FEVEREIRO E MARÇO

NATAL 25 1912

RESUMO

Rio Branco.....	<i>P. Maranhão</i>
Excentricos.....	<i>Camillo Flavio</i>
Chronica.....	<i>Carlos do Brazil</i>
Eu e o Carnaval.....	<i>Viriato</i>
Depois.....	<i>Ponciano Barbosa</i>
Sonho.....	<i>N. Fernandes</i>
Extase.....	<i>Barretto Sobrinho</i>
Voz Mystica.....	<i>Severino Silva</i>
Cilada.....	<i>Luiz Potyguar</i>
Bilhete Postal.....	<i>Praxedes</i>
Cartas para longe.....	<i>Edgar Potengy</i>
Bilhete sem resposta.....	<i>J. Miraflores</i>
Notas e Factos.....	<i>Redacção</i>

Socios do Reducto Literario "Augusto Severo"

FUNDADORES

Luiz Soares, Octavio Severo †, Amphiloquio Camara, Manoel Seabra, Tiburcio Brigido, Cydolino Pimenta, Carlos Gomes, Jorge Fernandes, Epifanio Lima, Armando Seabra, Manoel Ottoni, José Alexandre, Pedro Oscar e Aurelio Flavio. (14).

EFFECTIVOS

Paulo Maranhão, Nascimento Fernandes, Antonio Nesc, Hugo Fernandes, Virgilio Trindade, Elyzen Vianna, Antonio Miranda e João Miranda, Amaro Barretto Sobrinho, Francisco Gonzaga Galvão, João Backer, Luiz Potyguar Fernandes, M. S. Val Moreira Dias, e Arnaldo Moura (14).

HONORARIOS

Srs. Olympio Vital †, Tavares de Lyra, Miguel Calmon, Guerejunqueiro, Sebastião Fernandes, Alberto Maranhão, Desem Sargador, Vicente de Lemos, Honorio Carrilho, Antonio de Souza, Pinto de Abreu, Sarg. Barretto, K. de Fernandes, Meira e Sá, Ferreira Chaves, Eloy de Souza, Moreira Dias †, João Baptista, Segundo Wanderley †, Thomaz Landim, Calistrato Carrilho, José Augusto, Luiz Fernando, Galdino Lima, Henrique Castriciano, Manoel Dantas, Moisés Soares e Valle Miranda, J. C. Britto Guerra, J. G. Garcia Filho, J. F. Domingues Carneiro; coronéis Valentin de Almeida, Pedro Soares, Fabricio Maranhão, Lins Caldas, Odilon Garcia e Luiz Emygdio; professores João Tiburcio e Manoel Garcia; reverendos Calazans Linheiro e Jeronymo Gueiros; major José Pinto, engenheiro Castello Branco e srs. Sebastião Sampaio e Gothardo Netto † (40).

CORRESPONDENTES

Luiz Soares, Norberto Jorge, Epifanio Lima, Tiburcio Brigido, Millião Bivar, Severino Bezerra, Jeronymo Pinheiro, Ovidio Vital e Raymundo França.

Rio Branco

Um scintillante espirito já cousou affiridar que—por mais eminente que seja um homem não deixa mais pegadas na gloriosa Historia que as que deixa a ave ao cruzar o espaço e o peixe ao atravessar as aguas.

Vivemos, porém, nós brasileiros, de verificar justamente o contrario quando, ha um meo, sentimo-nos a amargura cruenta de perder o maior dos nossos compatriotas. Sim, porque a Nação que tem experimentado o infortunio de ver desaparecer, nemens, da infantura de Nabuco, Ceampista, Merlinio e Avaripe Junior, assiste agora na indiz respeito de sua grande dor a morte de Rio Branco, o vulto extraordinario, cuja gloria imperecivel patenteará, em qualquer tempo, a gigantesca moldura de seu genial espirito.

O passamento do egégio ministro de Estado que guiava os destinos de um povo aos mais alcandorados destinos, impellido pelo seu grande prestigio na Politica Internacional, era firmemente a alma da Mocidade.

Rio Branco, secretisara uma grande aspiração nacional. Sua obra, abalada com uma habilidade paciente e rara, num dos cantos do Itamaraty, assignalou nos estados gloriosos do mundo civilizado, a Grandeza e a Força da pátria-nação sul-americana.

Reveando acontecimentos notaveis, commemorando factos gloriosos, forjando conjecturas emittindo pareceres luminosos, o nosso Chancelier foi o espirito mais poderoso da nossa epocha.

Sobranceiro e digno, Rio Branco, jamais dobrou-se ás investidas dos inimigos e de inimigos gatinhos.

Conhecedor emérito da nossa Historia, descia muitas vezes ao seu recondito para melhor invocar as tradições do heroismo e as aspirações da Patria.

Nada mais justo que este preto de gratidão profunda e intensa que hoje rende a Mocidade ao vulto excepcional que pelos seus inegualaveis serviços soube conquistar o applauso sincero e espontaneo da alma brasileira.

De uma abnegação incondicional o grande estadista era possuidor de um caracter de eleição.

Com muito brilho e muito criterio elle dirigiu, durante sua gloriosa vida publicæ, os destinos da Grande Patria. E, graças ao encanto magico de seu talento, a suggestão irresistivel de sua plácida doutrina e ao reflexo purissimo de chrystal de sua vida toda cheia de serviços inestimaveis, o Brazil ponde obter logor de grande destaque no concerto das nações. Virtude, energia, dedicação, trabalho, são elos dessa poderosa cadeia que elle formou para mostrar, só com o exemplo, seu infinito desejo de engrandecer a Terra Brasileira.

E quando em momentos difficeis da Republica a acção de Rio Branco se fazia necessaria, como penhor de Ordem e Progresso, eis, que os fados tal não permittiram, e quasi de chofre, "subito como o raio que fulmina a arvore gigante que domina a floresta," a morte implacavel e terrivel atira, sem remorsos, á voragem do tunulo aniquilador, o defensor da paz, o obreiro da confraternidade internacional, o servidor infatigavel do Direito e da Justiça!

EXCENTRICOS

II

Está de facto a Patria!

Rio Branco morreu!

Já não pulsa aquelle grande coração!

Tombou fulminado o Idol do Povo Brazileiro, a aguia da diplomacia americana, a mais fulgurante estrella do Céu da nossa Patria!

Chamou se-lhe, com razão, o maior dos Brazileiros.

De facto, ninguem tão alto como o grande morto soube elevar o nome do Brazil, que ele tanto serviu e amou!

Rio Branco era, incuestionavelmente, a figura mais representativa da nossa nacionalidade: seu desaparecimento foi uma verdadeira catástrofe nacional!

A politica interna jamais o empolrou; debalde, buscou enlaçar o nas suas paixões baixas e mesquinhas.

Rio Branco foi inflexivel!

O seu partido era o da Patria, que com a sua herdeira, se fizesse parecer sua mais legitima gloria.

A beira do seu leito de morte soluçãem vinte milhões de corações agradecidos e reverentes e que parodiando a phrase do inesquecivel Arthur Azevedo, ante o tumulo do marechal de Ferro, dirão:—“Não foi um homem que morreu, foi um pedaço da Patria que cahiu”.

CAMILLO FLAYG.

CHRONICA

Janeiro passou rapido... A penna do chronista despreza os acontecimentos externos para destacar dois factos apenas: o dia de Reis e o attentado do «Pará».

A festa annual que a Igreja reserva aos Magos teve em Janeiro, a consagração espontanea dos adeptos da doutrina biblica.

A massa humilde da nossa *urbs* foi, pressurosa e confiante, attestar aos silenciosos habitantes da capella da Limpa, toda a fé que tem em seus milagres, toda a confiança que deposita n'uma vida eterna e immaculada, da qual, aquelles tres benemeritos representantes das raças terrenas foram os primeiros proselytos. Grupos e

PAX

muis grupos de familias, desde o respeitavel chefe barbaças, até o innocente e experto pequerrucho, levado com o auxilio amoroso da mamãe, satisfeitos e risonhos, perdiam se nas Dunas em demanda dos santos, dando ao espectador a idéa de um interminavel formigueiro...de povo.

E a gente a olhar de longe este espectáculo maravilhoso associava-se gostosamente á lei christã que, piedosa e bõa, nos acena com um céu delicioso, com uma habitação bemaventurada e eterna, só conquistavel com o bem, com o amor, com o coração.

* *

O attentado á bordo do «Pará» contra a figura respeitavel do Governador do Ceará, pondo termo a vida de dois cidadãos, é um factó que deprime os seus auctores e nos mostra bem o reverso da existencia.

De um lado, como vimos acima, a doçura, a pureza; do outro, a maldade, a vingança que a lei de Deus não tolera.

Isso de fazer justiça com as proprias mãos está muito aquém do nosso tempo. A civilisação actual não admitté mais que se ponha em pratica a pena horrivel de Talião.

* *

E assim se foi Janeiro, para ceder logar ao pequenino e aleijado Fevereiro que, foi desta vez o portador da mais terrivel desgraça que nos podia chegar.

Logo nos primeiros dias, um despacho agoureiro vem avisar-nos que a saúde do Sr. Barão do Rio Branco, o incómparavel dr. José Paranhos, estava grandemente abalada.

Vil prophécia! Dias depois a nova terrivel singrou os ares e, atravessando os oceanos, levou o lucto e a dôr alem da patria brasileira.

Dolorosa catastrophe esta, que, nos leva, com o Barão, a segurança da patria, a estabilidade da paz, o valor e nome do Brazil.

E terá o seu substituto a sua capacidade, o seu tino?

Capacidade não faltará ao dr. Lauro Muller mas, o que elle não possui, é a experiencia de muitos annos, a pratica que o Barão vinha accumulando desde a sua mocidade em questões que o sagraram, ainda consul, um perfeito diplomata.

Supprirá, talvez, esta falta o gesto do novo ministro abandonando a politica e as palavras de importante revista do Rio, que passo para as

PAX

colunas da "Pax": o Senador por Santa Catharina gosa na nossa politica do renome de astuto. Si é fino e esguio de corpo não é menos de intelligencia. Sua especialidade é a de resolver suavissimamente casos que só parecem comportar soluções asperas e desagradáveis".

Si assim é, prestemos as maiores homenagens a memoria do—Demarcador do territorio nacional—e confiem os na astucia do sr. de Muller, sem temer as intemperies que o futuro nos reserva.

* * *

A fixibilidade da vida terrena está em sua variabilidade. As surpresas com que ella nos mimosa ora trazem a dor, ora a alegria.

Oito dias depois da morte do Barão, eis que nos batem á porta. Sabem quem é?

O doutor Carnaval.

Vem limpo, cheiroso, mais moço e mais robusto e «sem mais preambulos», arremette contra todos com uma chuva tremenda de perfurios e confletis.

E não para nhi o moço folgazão. Sabe rua agora, a saltar doidamente como se fora o senhor absoluto, o imperador da alegria, embora em tres dias apenas.

O carnaval confunde todos, não admite honrarias, só accêita a egualdade. E é por isto que ao presentir que o seu dominio titubeia, elle desaparece veloz, e dos labios de todos uma voz indaga, sem obter resposta: Porque foges Carnaval?

CARLOS DO BRAZIL.

EU E O CARNAVAL

Não andámos de braço dado durante os trez dias, porem, tenho alguma cousa para contar, por signal que antes de tudo, preciso declarar que nos futuros periodos carnavalescos não tirarei do rosto a mascara ou outro qualquer disfarce.

Veja o leitor se tenho ou não razão:

Na confusão da onda carnavalesca deste anno voltei me ao contacto de uma mão.

—Oh! como tem passado?

—Bem, obrigado.

—Não me conhece mais?

—É exacto; falha-me desta vez á memoria...

—Chrispim, irmão da Candiinha...

Fiquei no mesmo ou peor, contudo, arrisquei qualquer cousa:

P A X

- Parece que me lembro.
— Pois não faz tanto tempo; não me esperava aqui?
— Confesso que não.
— Fugi, meu amigo, fugi; não vacillei em deixar tudo.
— E anda aqui?
— Sim, para o snr. dar-me noticias della.
— D'ella... quem?
— Oh! a Ilda, pois não me escreveu o snr. que ella andava aqui?
Reconheci que ia me entranhando n'um labyrintho.
— Não sei, não a vi mais.
A minha cabeça trabalhava em todos os sentidos.
— Si a encontrasse encetaria com ella uma interessante batalha; Olhe, trago commigo um lanca perfume esplendido...
E mostrou o cano de uma *manser*.
A cousa está mais seria do que eu julgava, pensei.
— Não convém, trate de esquecer isto.
— Não foi este o primeiro conselho que o snr. me deu quando aquella miseravel abandonou me, para fugir com o bandido do primo.
— Certamente andam longe...
— Sim, vou dizer lhe mais:
O Dr. Cezario deu um escandalo, advinha com quem?
Era a cousa mais difficil deste mundo, já se vê.
O Sebastião convidou o para jantar e no fim da noite, elle fugiu com a filha.
— Janoca, parece-me.
— Qual homem, está muito esquecido, a Antoinetta; não admira, é irmã da outra.
— Pois é impossível encontrar aqui sua mulher.
— Eu a encontrarei.
Que engano, Santo Deus com quem elle julga que falla! Agora é livrar me.
Tirei o relógio.
— Tenho um compromisso.
— Não me dá uma esperançazinha?
— Quer saber? Embarcou para a Parahyba.
— Parahyba... será possível que volte para lá?
Diabo! podia ter dito Ceará...
— Então embarco amanhã no trem; mas, precisava conversar comsigo.
— Prometto ir á Estação.
Apertei a mão desse amigo desconhecido, raspando me o mais depressa possível.

P A X

E, assim, fiquei sabendo que esse Chrispin era casado e a mulher fugira com um seu primo (lá della) e que a outra irmã fugira com um Dr. Cezario. Diabo que os carregue.

E entrei alli no Breu, dando ainda graças aos céos não ser parecido, dessa vez, com o tal primo que furtou a mulher de seu Chrispin. Teria então ficado frito.

Tenho ou não razão, pois, em andar disfarçado nos futuros carnavaes ?

VIRIATO.

CILADA

Oh ! o ardil, a armadilha feita pelas mulheres sabidas !

— Não, Raul ! Já não quero !

— Mas, porque não queres ?!

— Porque não !

— E porque não ? Há dois annos disias que, si não casasses commigo, com outro não casarias !

— Sim, mas ha dois annos tu não eras... não eras...

— O que ? dise logo.

— Careca.

— Ah !

— Sim, meu amigo ; hoje, com esta pellada, estás horrivelmente feio, e si não criares cabellos, não casarás commigo ! Ora ahí está !

— Mas, filhinha...

— Não... não, deixemos de histórias compridas ; si, de hoje a um anno, não criares cabelo, não arranjarás para o meu lado... Amo-te muito, isto é, amava-te, quando tinhas aquelle bello cabelo enerespado e velludoso, mas hoje...

— Mas, Enlalia (a caprichosa morena chamava-se Enlalia) este mal é de familia e para elle, dizem, não ha remedio...

— Ora adeus ! Arranja-te...

E passando pelas mechas do cabelo os dedos, mansamente, conto para mostrar a opulenta coma de seu bello cabelo castanho, saliu, com a covinha no queixo, formada pelo riso gracioso e coquette.

O Raul desesperou ; numa obstinação de rancor e desgosto, em casa lamentava-se ; elle, endinheirado, bem intencionado, sabendo muitas linguas e até bonito, despresado por aquella que mais amava e por quem, si preciso fosse, atravessaria a nádo o oceano inteiro ; não podia haver maior desventura !

— Maldita careca ! bradava o Raul ; maldita careca !

Era mesmo de arrancar os cabellos de raiva... os tivesse bem entendido.

Daquelle dia por diante, comprava todos os tonicos que lhe vinham á vista, mas tudo era baldado : dia a dia angustia, a careca, brilhava fortemente, relusia a sua careca.

Idealisava, ás vezes, uma cabeleira basta, enerespada, com reflexos de ouro, já casado, feliz, mas passava em frente de um espelho e lá estava a escurecer-lhe a vista de desanimo o rosado de sua calvicie descommunal, palpavel, relesente, monstruosa.

Um dia, casualmente passando as vistas num jornal francez, leu que um medico parisiense, depois de repetidas e pacientes experiencias chymicas, descobrira afinal, o desejado, o assombroso, o estupefaciente tonico para a cura da calvicie.

O Raul exultou, achara a felicidade.

Tomou, depois de ligeiras acomodações, o primeiro paquete e dias depois o estrição intenso e o confuso ruido de Paris atordoava-o.

PAX

Foi logo ao grande medico. Mas, tres mezes depois já tendo gasto uma boa somma, continuava no mesmo: a calvicie dia a dia alargando-se, estendendo o seu dominio por quasi toda a redondeza da cabeça, enraizando sobre o cráneo um imperio dissolvente e poderoso.

Perden as esperanças, o pobre do Raul: chegou a ter vontade de lançar-se ao Sena ou da Torre Eiffel em baixo.

Perambulando um dia por entre a multidão rumorejante e grossa dos boulevardos, passou casualmente pela frente de uma igreja e, tirando reverentemente o chapéu, deixou a descoberto a descomunal careca.

De repente, com tres dandynosos e ligeiros, acerca-se d'elle um sujeito e, com uma delicadeza *tout à fait* pariziense, diz-lhe:

—Perdão! Posso lhe parecer desortez ou mesmo escarpido... Mas, isto não vem ao caso...

E, tirando um cartãozinho onde se lia: Edouard Wallach—*Perruquier*, apresentou ao Raul, continuando:

—Sou cabelleiro e, casualmente, vi que o cavalleiro foi alcançado pela grande onça da molestia do século...

E, depois de muitos ardoeios, da uma phraseologia um tanto ou quanto especulativa e barata, chegou ao grande mal do Raul: a calvicie.

—Perdão se ouse falar de um assumpto que, por certo, para o sr. nada tem de attractivo. A calvicie é um mal incuravel, nada se obterá com frifrifos de remedios nocivos e emprestaveis; para ella o unico remedio que ha é uma cabelleira postiza e bem botada. Sou cabelleiro e faço cabelleiras tão bem feitas que desafio ao observador, o mais vivaz, o mais Sherlock-Holmino, a notal-a; por um prego modico, excessivamente modico, estirá o sr. livre de mais nissabores e aborrecimentos.

Um trem vasio passava. Metten-se o Raul com o tal Wallach nelle; queria a cabelleira logo, logo.

Quem o visse mais tarde, sob a scintillação das luzes do "Renaissance", espantou-se-lá; estava outro. Uma espessa e bem botada cabelleira punha a coberto a sua careca luzidia e rosada.

Depois de prolongada ausencia—menos de um anno, porem—voltou o nosso homem. Todos ficaram admirados com aquella transformação espantosa; mas o Raul, dotado de um pilavriado convincente e fioreado, a todos convenceu que aquillo era obra do maravilhoso tonico do medico pariziense. A propria noíva parecia convicta daquella mutação de poucos meses.

Prepararam-se os papéis e um mez depois tinha Raul a suprema ventura de casar-se com a Eulalia, solemnemente, com todas as pompas e alvoroços de um casamento de ricos.

Os salões esvasiaram-se a pouco e pouco, até que o ultimo convidado retirou-se. Era já uma noite quando os noivos ficaram a sós. A sala já fixada, em cima os lustres de crystal derramavam intensa e esverdeada luz: era um paraizo aberto ás delicias, ás loucuras de um sonho tão desejado.

Mas de repente—*oh! fatalidade atroz que dá calafrios*—eis que ao botão da cazaca do Raul engancham-se os cabllos da Eulalia e della desprega-se a cabelleira loura, espessa, e cae ao chão, num som abafado de avés que cae ferida repentinamente.

Era um espectáculo duplamente grotesco e escandaloso; dir-se-ia um fím cinematographico.

A Eulalia careca! que horror!...

Engraçado é si algum mais curioso perguntar-me:

—E o Raul! Que fez, em vista desse desastre inesperado, si bem que... fazer o que se faz não é peccado?!

—Nada, meu amigo, nada! Perden todo o... enthusiasmo...

E até quando, leitor amigo, guardou elle o seu segredo não me é possível dizelo.

Oh! o ardil, a armadilha feita pelas mulheres sabidas!

L. POTYGAR.

CHRYSALDES DISPERSOS

Sonho

Sonho! Vejo-te aqui. Abro os olhos, desperto
Na escuridão sem fim das luzes apagadas,
E cuido, ao despertar, ter puto a mim, tão perto,
O conchejo floral de tuas mãos delicadas!

Ah! pudesse eu sentir, nense imenso deserto,
O perfume subtil de tuas faces rosadas!...
Mas, em vão ergo a voz... e em vão procuro inserto
Dos teus olhos a luz de duas alvoradas!

Debalde te procuro, alma visão fugace!
E em tudo aúdo, a sós, eterno te bussando!
Antes desse meu sonho eu nunca desperiasse...

Fosse meu somno eterno, e que eu eterno sonhando
O teu corpo e tua bocca e o teu rosto beissasse,
Nunca epospeia de Amor, de luzes me inundando!...

N. FERNANDES

Extase...

Tombou no occaso o sol! a noite já vem preto!
Das aves já não se ouve o canto melodioso!
O céu parece um lago azul, expiendoroso,
Um pallio colossal eternamente aberto...

É eu contemplo esse quadro enorme, portentoso.
Da janella feliz de meu quarto deserto...
Estendo a vista ao longe... e, de espanto coberto,
Só vejo o florestal escuro e mysterioso...

Persegue-me a visão dos sonhos sepultados...
Sinto perto de mim, perfumada e divina,
A formosa mulher que encheu-me de peccados...

Dilata-se o pavôr; tenho nenaesthenia,
Anexo que desponte a estrellia matutina,
E respándeja a luz reconstituindo o dia...

PASCETTO SORIANO

Depois...

Vencida a curva do caminho; o trem,
Voz, deixou a terra em que tu habitas;
Nelle, en partia, Filha, como quem
Partia para terras exquistas...

E mesmo assim, eu te confesso, tem
Sido. Águas e trevas são infinitas...
Mas, tua alma purissima, do Bem,
Felizes, torna as horas que eram affictas.

O inverno vem copioso, austero e triste.
Esse vago pensar em tudo existe.
Depois, a vida sorrirá por tudo...

Então, iréi á terra em que tu moras,
Goser o brilho negro das auroras
Que alvorçeca em teus olhos de velludo...

PONCIANO BARBOSA

Voz mystica

Lembra a alma de violino e da guitarra
Tua voz de ouro que ora venho ouvindo,
Uma chave de perolas cabido
Na porcelana fina de uma jarra...

Meu espirito hesita e treme e esbarra
Escutando gorgear lago suave e liado
Como que as vibrações eternas seivindo
De uma ballada garrula e bizarra.

A tua voz croava, ao luar, o canto
Do rouxinol fludias sonoridades
De aijos rãngendo cytharas celestes...

Canta... Chora, E ao teu canto e do nosso prazer,
Almas dirão chorando de piedade... (to,
"Ainda ninguém soffreu e amou como estas,"

SEVERIANO SILVA

BILHETE POSTAL

Meu delicioso Chantecler :

Depois de um prolongado silencio, o que justifica a escassez de assumpto em cousas litterarias, muita gente ha de estranhar (talvez tú sejas um delles!) que eu, desenferrujando a penna com que escrevi os ultimos postaes, tenha a coragem inaudita de enfrentar a tua pôse e o teu riso conhecidos por *gregos e trojanos*.

Sabes o que me decidiu a isto?

A leitura que fiz (cousa aliás muito rara) da tua chronica na secção—'de minha carteira,'—que alguém já qualificou de archaica, onde despidendo os habitos de critico *caragê* e de chronista mordaz, envergás, muito modestamente, a tatiota simples e conduzes o indefectivel lenço de rapé de professor de aldeia.

E com esta *phantasia*, appareces no dia 21, após os festejos do Momo, pregando lições de civilidade ao povo desta terra que, já bastante educado, dispensaria de muito bom grado as tuas profeccões *superdeliciosas!*

Perdeste a melhor occasião de ficar calado; mas, contudo, resta-te o consolo de que foste a nota do carnaval deste anno.

Lastimas que muita gente, que tem a felicidade de receber um convite para essa ou aquella sociedade dansante, prefira o *sereno* das mesmas sem te mandar um protocóll de satisfação!!!

"É bello, é grande, é colossal, é novo"!

Se eu pertencesse ao grupo dos que costumam abiscoitar os escriptos dos outros, (sem allusão) diria na tua phrase que havias surgido das excavações de algum pção...

Mas, meu amigo, n'aquella historia de convites, podes limpar as mãos á parede.

Certamente, na tua opinião o individuo timido que recebesse um convite para, ás tantas da noite, em certo logar, ir ser alvo de uma *manifestação* de bengalas, devitia envergar a casaca das solemnidades, afim de ir ao seu adversario dar lhe uma... satisfação.

Bôas batatas!

Antigamente, apesar do senhor Fulano dos Anzões Carapuças se confessar "antecipadamente, grato por um acto de religião e caridade" nunca me dei ao trabalho de, "a palmilhar estradas longas", levar mais um freguez ao Sr. Ne'son.

Hoje, cousa admiravel!—apenas vejo um en-

PAX

veloppe tarjado, mando logo a *patrôa* escovar o frack, quasi republicano, e não me façe esperar.

Sabes porque?—Pelo delicioso passeio á bond ao bairro do capitão Cavaleanti.

Se acontece, porein, por uma dessas casualidades, não me ser possível sahir de casa para andar á bond e nem tão pouco para acompanhar aquelles que morrem... *phisicamente*, (é, porque moralmente morre todo dia muita gente bôa!) não me utiliso da penna para mandar dizer a Fulano ou a Cícirano que deixei de ir á festa, por me achar atacado de enxaqueca ou cousa que o valha.

Si a creatura era minha conhecida, e quem me manda o convite mantém commigo relações de amizade, aguardo-me para um momento opportuno apresentar-lhe os meus pesames.

Fraucamente, não lhe dou satisfação pelo convite.

Ora, pelo que vejo, o meu amigo faria melhor negocio, se estivesse no alto Amazonas leccionando civilidade a alguns selvícolas existentes naquellas regiões.

Isso por aqui é pregar no deserto.

Por hoje basta. Aqui ficarei ao teu dispôr.

Todo teu—

PRAXEDES.

GARTAS PARA LONGE

Caro collega: As constantes agitações quer de caracter politico quer carnavalesco, assumptos palpitantes nestas ultimas semanas, entre homens e mulheres, velhos e moços desviaram-me do compromisso que tomei de escrever tiras para o teu jornal.

Pela tua carta, me pedes—*uma chronica pouco banal, sem esta adjectivação desvairada que possa produzir um escandalo litterario.*

Somente, com algum sacrificio, poderei garantir as tiras, de acordo com a tua recommendação. A fallar de futulidades, impregnando a atmosphera de uma porção de plaspheurias, é preferivel nada escrever.

Devo ter, portanto, o maximo cuidado na escolha dum assumpto menos arido e menos futil, que esteja a acalhar com as tuas exigencias. Afinal, como puder, procurarei ser-te agradavel.

Quem sabe, se inspirado nos chronistas da terra poderei, de um só jacto copiar lhes as pala-

bras, desprezando a embecillidade do assumpto?

Aguardemos o milagre e esperemos confiantes. A tua solicitação, como a de outros bons amigos, temido para mim uma verdadeira surpresa.

Eduardo na eschola da «conveniencia» a não escrever como melhor me afigurar não me ficará bem abiscar uma porção de periodicos tempestuosos e por a calva á mostra. E deste jaez, aqui em Natal, ha um meio cento de suppostos chronistas, que, se reflectissem um pouco, não teriam desvirtuado sua natural inclinação pelas coisas uteis, ditas em razoaveis imagens do espirito.

Taxados de Chronistas tornam se ás vezes intragaveis em suas apreciações. E os nossos «rabiscadores sensatos», naturalmente por espirito de troca, após a consumação do escandalo, procuram felicitá-los! *Li hontem, fulano, seu artigo; está muito bom, contenne; v. é um moço esperançoso e poderá fazer brilhante figura.*

Nosso pobre rapaz fica em situação perplexa diante daquelle louvor improvisado, e, no dia seguinte, volta com uma carga ainda mais cheia de «arbitrariedades». O leitor, desta feita, escandalizado, com um *elogio* opportuno, procura escorajar o inco poeta pr sador:

— *Homem, aquelle seus artigos estão sendo muito apreciados; a meu ver na marcha em que v., vai poderá ser, em breve, nosso "menino prodigio".*

E são estes os mais legitimos representantes do nosso meio litterario.

Não poderei adeantar-te até quando estes dilettantes, verdadeiramente nocivos, inpestarão esta pequenina nesga de terra, que os seus primitivos povoadores alcuñharam de Potyguarania.

EDGAR POTENCY.

BILHETE SEM RESPOSTA

Poty — A leitura do *Chiste* causou me deliciosa impressão. Nenhuma vez os meus olhos deviam se do jornal, para começar novamente a leitura, que não sentisse um bem estar confortante e doce.

Todo cheio de uma pilheria leve e sadia, com um serviço telegrapho *comme il faut* e variada secção de *Furos*—, *O Chiste* me fez recordar um periodico que, em tempos não muy longinquos, deliciou a população de Natal.

O Bloco era o melhor jornal daquelle tempo.

A' maneira daquelle jornal, e quer parecer que *O Chiste* ficará, brevemente, bem relacionado e, então, obterá optimo successo.

Envoltos como estavamos na mais vergonhosa pasmaccira, tendo apenas para minorar a tortura dos nossos nervos os *films* do Polytheama, vistos á tela, ao som pouco harmonioso dum mofo-nho quinteto, o apparecimento inesperado d' *O Chiste*, graças a «spontaneidade philantropica» tua e do Ponciano, causou me um prazer ineffavel.

Sem desilussões nem esmorecimentos, arros-tando, embora, com este indifferentismo da nos-sa gente, embeccilmente afastada do convivio en-cantador da mocidade, continue, meu caro, a de-liciar nos uma vez por outra, com a publicação do teu interessante periodico humorista.

Avante! Mais tarde, quando o nosso povo ti-ver a comprehensão nitida, satisfatoria e perici-ta da grande necessidade, inadiavel mesmo, dum jornalsinho chistoso, para a saturação dos espiritos, ansiosos de sensações agradá-veis balsamo, talvez, de alguma hypocondria al-coolico amorosa, os applausos todos ti perten-cerão, sinceros e duradouros.

Mil felicidades.

J. MIRAFLÔRES.

NOTAS E FACTOS

DR. SERGIO BARRETTO—Vindo da Capital Federal, onde acaba de representar, com muito bri-lho, o nosso querido Estado na Camara dos Depu-tados, e acompanhado de sua exma. familia, acha-se entre nós o distincto jornalista dr Sergio Barret-to, nosso consocio honorario e redactor chefe d' *A Republica*.

DR. ANTONIO DE SOUZA—Em gozo de ferias, está nesta capital o nosso eminente consocio ho-norario dr. Antomo José de Mello e Souza, sena-dor da Republica.

EXONERAÇÃO—Pediu e obteve, por motivo de ordem superior, a sua exoneração do cargo de 2º secretario do Reducto Litterario "Augusto Se-vero", nosso operoso companheiro João Miranda, sendo substituido, por deliberação dos seus colle-gas, pelo intelligente moço, academico Manoel Sinval M. Dias, a quem felicitamos pela merecida escolha.

PAX

RAYMUNDO FRANÇA—Por ter seguido para o Recife, onde vai fixar residência, foi transferido, por deliberação dos seus consocios do Reducto Litterario da classe effectiva para a de correspondente, na referida cidade, nosso distincto collega Raymundo França, intelligente funcionario da Repartição do Telegrapho Nacional.

BARÃO DO RIO BRANCO—Por motivo do fallecimento do egregio brasileiro dr. José Maria da Silva Paranhos, o Reducto Litterario "Augusto Severo", reunido em sua ultima sessão ordinaria, ao tomar conhecimento da grande catastrophe que enluctou a alma nacional, resolveu, em signal de profunda magia, suspender os seus trabalhos e tomar lucto por oito dias.

Por essa occasião fizeram se ouvir em sentidos discursos necrológicos os nossos collegas Paulo Maranhão e Virgilio Trindade.

«O CHISTE» — Temos recebido, assiduamente, todos os numeros deste sympathico humorista. Agradecemos, promettemos retribuir.

SEBASTIÃO CAVALCANTE—No dia 6 do corrente falleceu nesta cidade o estimavel moço Sebastião Siqueira Cavalcanti, filho do nosso prezado consocio honorario, desembargador João Baptista, a quem a PAX apresenta sentidas condolencias.

PONCIANO BARBOZA—Acha se no Recife, afim de prestar exames das materias do 4º anno juridico da Faculdade de Direito daquela cidade, nosso talentoso collaborador Ponciano Barboza.

DATAS NATALICIAS—Por motivo de seus anniversarios fora n muito felicitados, nesta capital, nos dias 28 de Fevereiro p. p. e 4 do corrente, os nossos estimaveis consocios honorarios drs. Luiz Fernandes e Eloy de Souza.